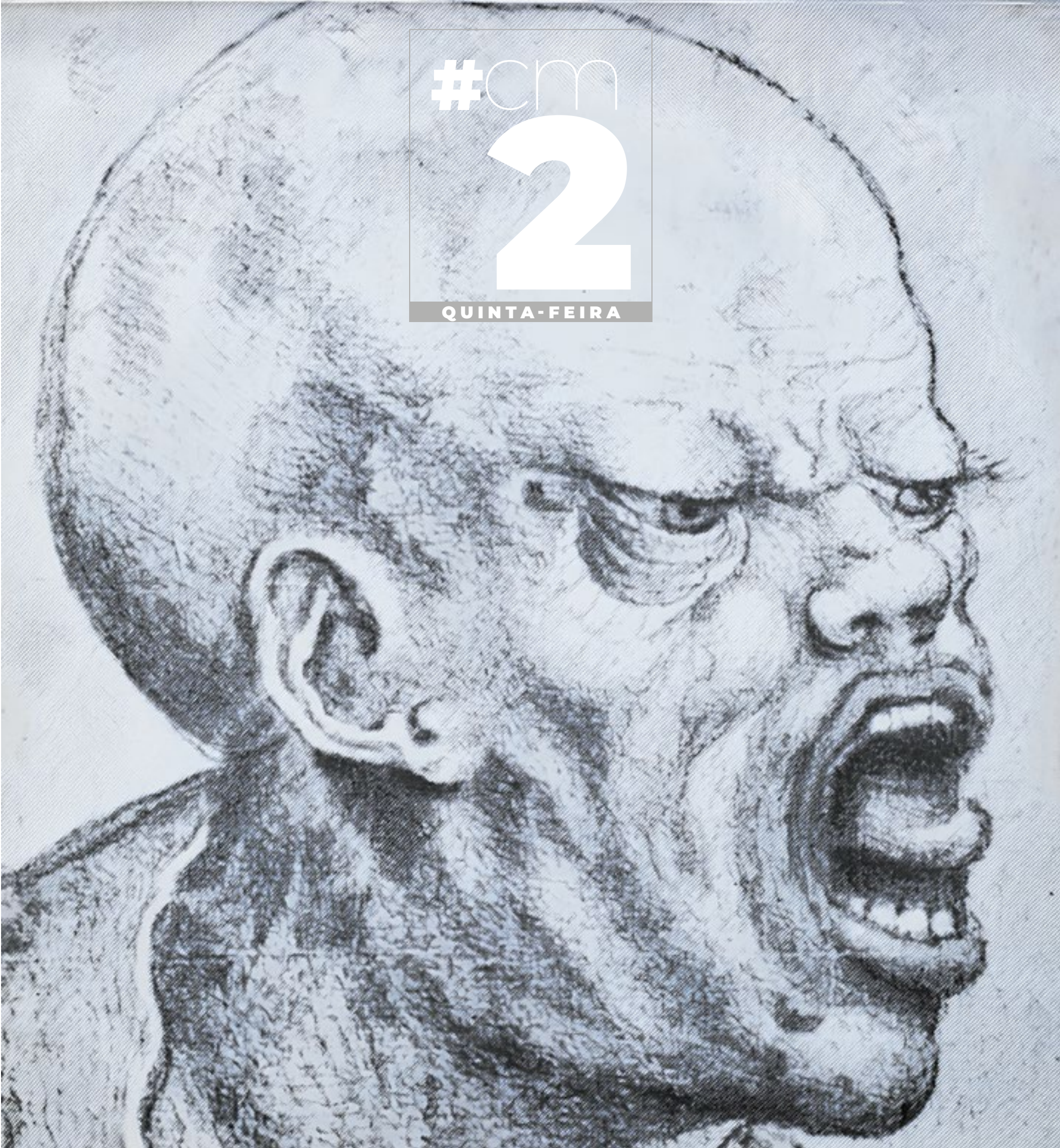




#cm
2
QUINTA-FEIRA

CABECAS INQUIETAS

Remanescentes dos Titãs, **Branco Mello, Sergio Britto e Tony Bellotto** farão turnê de **40 anos de ‘Cabeça Dinossauro’**, o disco mais **agressivo da banda**. Shows serão em **São Paulo, Belo Horizonte, Rio e Curitiba**. Págs. 2 e 3

Eduardo Knapp/Folhapress



Branco Mello, Sergio Britto e Tony Bellotto, os remascentes de uma banda que já foi octeto e teve cinco vocalistas

ÁLBUM SEGUE COMO UM DOS MAIS RELEVANTES DO ROCK BRASIL

THALES DE MENEZES Folhapress

Em 2026, o rock brasileiro comemora 40 anos de um disco que costuma aparecer no topo de todas as listas de melhores álbuns do gênero já lançados no país. “Cabeça Dinossauro”, terceiro álbum dos Titãs, permanece como atestado de maturidade da banda. Por isso, a partir do próximo dia 28 de março, o grupo sai em turnê de tributo ao disco. Quatro shows foram anunciados, e outros virão.

Hoje os Titãs são Branco Mello, Sergio Britto e Tony Bellotto. Na gravação do “Cabeça Dinossauro”, o grupo era um octeto. Além do trio, estavam no estúdio Paulo Miklos, Nando Reis, Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer

(1961-2001) e Charles Gavin. Depois de dois discos de rock com pop, reggae e até flertes com o brega, a banda surpreendeu com um disco de atitude agressiva.

No repertório, canções com vocais gritados e letras diretas. Algumas eram críticas agudas a instituições, em títulos explícitos: “Polícia”, “Família”, “Igreja”... Era um momento conturbado na política nacional, no início da redemocratização, e

agora a comemoração de 40 anos encontra outro cenário nada tranquilo. Será algo ruim para o país, mas bom para o disco?

“Acho que os temas no disco transcendem isso, não são circunstanciais”, opina Britto. “Se você falar do abuso do poder público, por exemplo, isso é uma coisa que atravessa a história. O que está na música ‘Homem Primata’, que é o capitalismo visando como única fi-

nalidade o lucro, é um tipo de visão do mundo que está muito arraigada e ainda gera tensão, infelizmente. Mas para o disco é uma coisa boa, ele fica sempre vivo.”

Para Bellotto, o mundo avançou em muitas coisas, mas em algumas áreas retrocedeu bastante. “Mas acho que o disco não é apenas uma obra de crítica. A música ‘Família’, por exemplo, eu acho que é muito divertida, comenta com alguma



Os Titãs em 1981, ano de sua criação, com sua formação original de oito integrantes



A capa original de 'Cabeça Dinossauró' trazia uma gravura de Leonardo da Vinci

“O ‘Cabeça’ foi a nossa virada. Até então, a gente estava tateando (...) A gente era uma coisa estranha, fora dos padrões. começamos moleques e tocávamos com bandas de punk, como Ira!, Inocentes. E a gente era mais pop”, diz Mello. Bellotto fala sobre uma certa in

BRANCO MELLO



Capa edição da edição comemorativa de 30 anos do álbum com outra gravura de Da Vinci e acrescida da versão demo das faixas

“Na capa do álbum, a gente não aparece, é um esboço do Leonardo da Vinci. Até o título do disco era desafiador. Conseguimos convencer a gravadora de que aquilo era algo que faltava no rock nacional”

TONY BELLOTTO

“Não dá para negar que a prisão do Tony e do Arnaldo, do ponto de vista extramusical, marcou a gente. Foi um período esquisito, tivemos shows cancelados. Acho que isso contribuiu para a postura mais agressiva”

SÉRGIO BRITTO

Tony e do Arnaldo, do ponto de vista extramusical, marcou a gente. Foi um período esquisito, tivemos shows cancelados. Acho que isso contribuiu para a postura mais agressiva”, afirma Britto.

Mas o trio ressalta que existia uma questão estética como forte motivação para mudanças. Britto lembra que em “Televisão” já existiam algumas faixas que apontavam para isso. “Massacre” é a mais óbvia,

mas tem também “Autonomia”. Reconhecem a vontade de todos em mostrar um lado mais agressivo, que os Titãs tinham no palco, mas não aparecia tanto nos dois primeiros discos.

Para Bellotto, houve também um amadurecimento junto ao mercado fonográfico. “No primeiro disco, a gente era uma banda meio psicodélica. Éramos fascinados pelos programas de auditório, uma curtição que a gente tinha. Mas ali talvez a gente não passasse a ideia certa para as pessoas sobre o que a banda estava propondo. A gente percebeu que o mercado pedia uma identidade.”

“A gente era uma coisa estranha, fora dos padrões. Nós começamos moleques e tocávamos com bandas de punk, como Ira!, Inocentes. E a gente era mais pop”, diz Mello. Bellotto fala sobre uma certa inadequação: “Quando a gente tocava nos programas populares da TV, para as pessoas ali a gente era uma banda punk. E quando tocávamos nos redutos punks, a gente virava uma banda brega.”

Segundo eles, o simples fato de ter oito integrantes já causava estranheza. “Até porque tínhamos cinco cantores! Era diferente. E a gente arriscou muito nesse disco. O pri-

meiro single foi ‘AAUU’, era uma música sem precedentes. Na capa do álbum, a gente não aparece, é um esboço do Leonardo da Vinci. Até o título do disco era desafiador. Conseguimos convencer a gravadora de que aquilo era algo que faltava no rock nacional.”

Após o lançamento de “AAUU”, o grupo foi ao programa do Chacrinha. A Legião Urbana tinha então um sucesso enorme nas rádios com “Tempo Perdido”, uma canção melódica. Então Renato Russo perguntou a Britto por que a escolhida tinha sido “AAUU”, já que ele enxergava no álbum canções bem mais acessíveis. “Eu falei para ele aquilo que a gente comentava entre nós: era para não deixar dúvida que dali para a frente seria diferente.”

Os três concordam que havia a vontade de criar um vocabulário próprio. “Com oito caras, era muita diversidade. A gente estava tomando consciência de que isso poderia ser prejudicial. Eram necessárias algumas balizas para que o trabalho rendesse mais”, analisa Britto. Segundo Bellotto, o sucesso de “Sonífera Ilha” deixou o grupo ligado a um rótulo de pop brega, mas ao mesmo tempo o show tinha músicas que eles definem como viscerais, citando “Massacre”.

“A gente foi percebendo que precisava ter uma unidade maior, falando de estilo musical mesmo”, conta Bellotto. “O ‘Cabeça’ foi a nossa virada. Até então, a gente estava tateando”, comenta Mello. Segundo Britto, foi no terceiro álbum que o grupo desenvolveu um vocabulário musical próprio, e usa como exemplo os vocais uníssonos e gritados.

“Éramos cinco cantores na banda, né? Quando você ouve essa massa vocal gritada, você passa a reconhecer os Titãs. No mainstream brasileiro não tinha outra banda assim. A coisa das letras enxutas, quase como um slogan, tudo isso marcou o nosso estilo.”

Na turnê de comemoração, o grupo deve começar o show com a íntegra de “Cabeça Dinossauró”, apresentando todas as músicas na ordem das faixas no disco. Depois, eles vão completar o setlist sem se importar em privilegiar apenas hits. A ideia é garimpar canções de outros discos que conversem com o repertório do álbum.

Além dos três, sobem ao palco o baterista Mario Fabre e o guitarrista Beto Lee, presenças habituais nas turnês, e o guitarrista Alexandre de Orio, que substituiu Bellotto em alguns shows neste ano, enquanto o titular se recuperava da cirurgia que fez parte de um tratamento contra um câncer. “Tem muitas guitarras no ‘Cabeça’, alguns solos brilhantes do Tony. Achamos que é bom ter mais uma guitarra no palco”, conta Britto.

A turnê estreia em São Paulo, no dia 28 de março, no Espaço Unimed. Depois, mais apresentações em Belo Horizonte (25/4), Rio de Janeiro (9/5) e Curitiba (18/7).

ironia uma instituição perene. Ela é uma espécie de crônica.”

O guitarrista acredita que o disco tem um outro lado que às vezes recebe pouca atenção. Para ele, a maior qualidade do disco, mais do que essa agressividade, é a força estética da música, o que não resultou em um disco datado. Mello concorda: “As letras continuam muito atuais, mas os arranjos também. Eles não têm os sons característicos dos anos 1980. É um disco cru, e musicalmente não envelheceu.”

Muita gente discute se “Cabeça Dinossauró” foi um disco conceitual, que teria sido planejado com uma proposta clara antes de a banda entrar no estúdio. “Quando chegava a hora de gravar um disco, cada um começava a mostrar as ideias aos outros”, recorda Bellotto. “A gente nunca pensou em fazer um disco do zero, começando por um conceito. No ‘Cabeça’, a gente logo percebeu que essa atitude agressiva estava aparecendo em várias músicas. Teve um momento que a gente sentiu que o núcleo era esse.”

Depois do disco “Televisão” (1984), a banda foi sacudida pela prisão de Bellotto e Arnaldo Antunes, detidos pela polícia com drogas. “Não dá para negar que a prisão do

AFFONSO NUNES

A cantora e pesquisadora Estela Manfrinato apresenta “Casa Brasileira” nesta quinta-feira, às 19h, na Casa do Choro. O espetáculo propõe um encontro entre o choro, canções de tradição popular e modas de viola numa costura sensível de paisagens sonoras que atravessam o Brasil. “De sôdade — palavra caipira para saudade — palavra portuguesa, vou cantar essa Casa Brasileira que mora no peito da gente. Tem choro, canção e viola”, descreve a artista.

Paulista de Piracicaba, Estela é formada em Canto Popular Brasileiro pelo Conservatório de Tatuí (SP) e atua como professora de Técnica Vocal da Escola Portátil de Música, projeto que funciona na própria Casa do Choro. Sua trajetória se caracteriza pela investigação rigorosa da voz como instrumento de pesquisa cultural. Aos 15 anos, iniciou sua pesquisa em cultura popular brasileira, desenvolvendo uma metodologia que combina rigor acadêmico e sensibilidade artística.

A pesquisa vocal de Estela ganhou força nos últimos anos através de projetos específicos. Em 2024, lançou o EP “Estela Canta Inezita”, resgatando a obra de Inezita Barroso, a cantora que popularizou a música caipira. Antes disso, havia lançado o single “Mazzaropi” (2022), que celebra a vida no interior através de composição de Jean Garfunkel e Paulo Garfunkel, além de “Minha Voz é um Vento” (2023).

“Casa Brasileira” reúne músicos que compartilham dessa sensibilidade: Ricardo Henrique (violão), Zeca Colares (viola caipira), Marcus



Divulgação

Em sua linha de pesquisa musical, Estela Manfrinato vasculha a diversidade sonora do país

Uma casa do tamanho do Brasil

Cantora e pesquisadora Estela Manfrinato une choro, canção popular e viola caipira em espetáculo que cartografa nossas paisagens sonoras

flexível. Então, acabo mudando meu rumo a toda hora. Só quero me manter cercada de gente criativa. Esse é o meu plano”, diz.

SERVIÇO ESTELA MANFRINATO - CASA BRASILEIRA

Casa do Choro (Rua da Carioca, 38, Centro) | 12/3, às 19h
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Thadeu (bateria) e Pedro Paes (clarinete e clarone), além da participação especial de Bené Diniz.

O espetáculo inicia uma nova

turnê de Estela que terá sequência em palcos europeus. “Quero trabalhar bastante, sempre com esses parceiros incríveis que te-

nho, sem nunca perder a vontade de aprender e ensinar. Não tenho muito metas fixas. Gosto de caminhar de um jeito generoso e

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Autoralidades

Jonas Sá apresenta “MNSTR Show” no Manouche nesta quinta (12). O show mescla as faixas do álbum homônimo com sucessos como “Perdidos na Noite”, “Gigolô” e “Anormal”. Jonas compôs para artistas como Gal Costa e Ana Frango Elétrico. A apresentação conta com participação especial de Zé Ibarra e banda formada por Thomas Harres (bateria), Marcelo Callado (percussão), Pedro Sá e Thiago Nassif (guitarras), Paulo Emmery (baixo), Antônio Fischer (teclados) e vocais de Lila, Carol Maia e Megan Duss.

Divulgação



Brasilidades

Taís Feijão apresenta “As Brasilidades de Taís Feijão” no Blue Note Rio nesta quinta (12), às 22h30. Em formato duo com o baterista Gabriel Barreto, a artista percorre sua trajetória através de composições próprias e releituras que abrangem samba, bossa nova, MPB e jazz. O repertório celebra a diversidade musical brasileira. A apresentação conta com participação especial de Natascha Falcão. Do samba à bossa nova, da MPB à nova MPB, do regional ao jazz, Taís se destaca pelo groove ousado e pela entrega intensa em cada interpretação.

Lígia Rizério/Divulgação



Música e presença cênica

Ana Barroso apresenta seu espetáculo “Repentina” nesta quinta (12), às 19h, no Espaço Cultural BNDES. Através do forró, do coco e do repente, a cantora, compositora e atriz baiana celebra a cultura popular nordestina. Seus repertório mescla composições autorais com clássicos do cancionário regional, explorando poesia, humor e improviso. A apresentação costura música e presença cênica de maneira orgânica, revisitando tradições do repente como território vivo onde memória e invenção se encontram.

Fundação de um novo (e ecológico) tempo

FGV, em Botafogo, inaugura neste sábado a mostra Cine Enseada, apinhada de vozes autorais em documentários, ficções e animações sobre a saúde ambiental do planeta e de seus povos

RODRIGO FONSECA

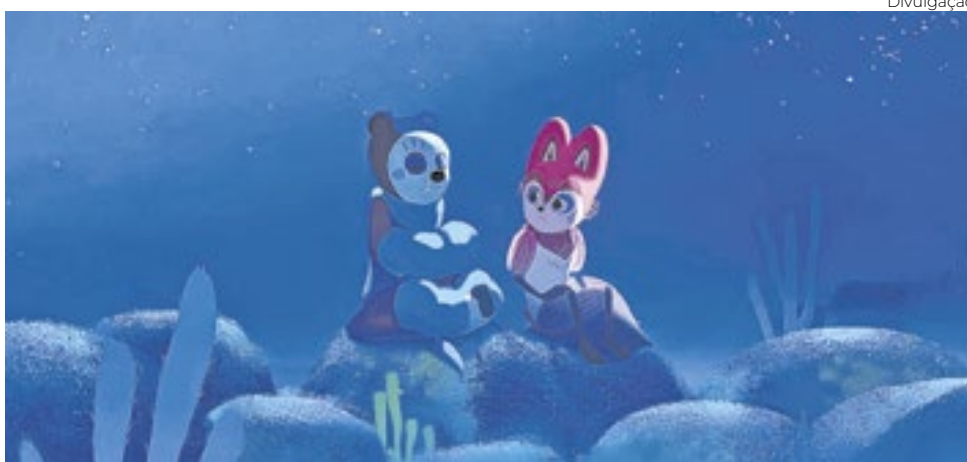
Especial para o Correio da Manhã

Sigmo de saber e de pesquisa no âmbito da educação, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) se junta ao ecossistema audiovisual do Rio de Janeiro, a partir deste fim de semana, ao empregar suas instalações em prol da exibição de filmes, com a criação do Cine Enseada, mostra dedicada a produções vinculadas à preservação do meio ambiente. O projeto é uma intervenção cultural da FGV Arte, que fará o centro cultural da instituição virar uma sala de projeção ao longo de quatro dias, deste sábado até a próxima terça-feira.

A entrada é gratuita mediante inscrição prévia. A arrancada, às 15h deste 14 de março, será (literalmente) animada, com “Perlimps”, sucesso de Alê Abreu que mobilizou telas europeias com um debate multicolorido sobre a tolerância entre povos. A opção de inaugurar os trabalhos por meio de uma narrativa de Alê (diretor indicado ao Oscar de Melhor Animação por “O Menino e o Mundo”) demonstra que o investimento desse festival em grifes autorais é alto, o que se consolida nas sessões seguintes. No próprio sábado tem Marco Altberg, com o documentário “Ailton Krenak: O Sonho da Pedra”, às 17h, e tem João Moreira Salles — num trabalho com Louise Botkay



Divulgação



Divulgação

‘Pasárgada’, de Dira Paes, encerra a mostra

‘Perlimps’ anima o debate sobre a preservação do planeta



Divulgação



Divulgação

‘Minha Terra Estrangeira’ traz a marca de Louise Botkay e João Moreira Salles com o coletivo Lakapoy

O curta ‘Recife Frio’ carrega a grife de Kleber Mendonça Filho



Divulgação

‘Tuã Ingugu (Olhos d’Água)’ é dirigido por Daniela Thomas

e o coletivo Lakapoy —, em “Minha Terra Estrangeira”, às 19h15.

“Por alguns dias, o belíssimo auditório projetado por Oscar Niemeyer se transforma em um grande cinema aberto ao público, gratuito e vivo — um espaço de partilha e imaginação coletiva”, diz

Maria Fernanda Baigur, coordenadora da FGV Arte. “A curadoria, realizada em parceria com Ricardo Cota, constrói-se em diálogo com a exposição ‘Adiar o Fim do Mundo’, com curadoria de Ailton Krenak e Paulo Herkenhoff, propondo um percurso entre arte, cinema

e ecologias — temas urgentes que atravessam nosso tempo. Entre filmes, conversas com realizadores, programação infantil e atividades paralelas, a mostra busca celebrar o cinema brasileiro e afirmar a importância da arte como espaço de encontro, reflexão e invenção de

futuros possíveis”.

Neste domingo de Oscar, quando o Cine Enseada inaugura sua grade às 13h, com a animação “Ainbo: A Guerreira da Amazônia”, nosso representante na disputa da Academia de Hollywood — o diretor de “O Agente Secreto”, Kleber Mendonça Filho — será celebrado pelo evento da FGV Arte com a projeção do premiadíssimo curta-metragem “Recife Frio” (2019). Ao fim do dia, um outro oscarizável com DNA brasileiro, “O Sal da Terra”, rodado a quatro mãos por Juliano Ribeiro Salgado e por Wim Wenders, pede passagem. Wenders abre caminhos para qualquer retrospectiva, sobretudo uma que pensa o futuro da Terra com tamanha delicadeza, quanto Maria Fernanda e Cota pensaram.

Na continuidade do cardápio cinéfilo montado pelos dois, a segunda-feira da FGV começa com “Vípuxovuko — Aldeia”, pérola de Dannon Lacerda, que transcende veios etnográficos, e passa por “Ilha das Flores”, cult de Jorge Furtado, e “Amazônia Sociedade Anônima”, de Estêvão Ciavatta. Na sequência, o documentário “(Re)Encontros Akupunh Awjanã”, produzido pela Escola de Ciências Sociais da FGV (CPDOC), contará com um debate conduzido por Celso Castro, professor e diretor da unidade. Encerrando o dia, “Mundurukuyü — A Floresta das Mulheres Peixe”, de Aldira Akay, Beka Munduruku e Rilécia Akay, apresenta o olhar de mulheres cineastas Munduruku sobre o território, a ancestralidade e a resistência.

“Esse evento é cercado de uma dupla responsabilidade: a escolha criteriosa dos filmes de uma primeira mostra da FGV Arte e a consagração de um novo espaço para o audiovisual no Rio de Janeiro, sobretudo para que as produções brasileiras possam ser mais vistas”, explica Ricardo Cota, que, ao lado de Maria Fernanda, confeccionou a curadoria na linha Corrente da inclusão.

Para o fecho, a dupla preparou filmes que articulam cinema e música, como “Radiola de Promessa”, de Gê Viana, e “Tuã Ingugu (Olhos d’Água)”, de Daniela Thomas. O encerramento do Cine Enseada inclui, ainda, uma aula aberta promovida pela FGV CPDOC, conduzida pelas professoras Thais Blank (CPDOC) e Lúcia Monteiro (UFF). Entre os longas exibidos nesse dia, estão “Amazônia Groove”, de Bruno Murtinho; “Terruá Pará”, de Jorane de Castro; e “Pasárgada”, que marca a estreia na direção da atriz Dira Paes.

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

Carlos Monteiro



Rio, uma cidade que acolhe e abraça

O MUNDO ANDA COM OS NERVOS À FLOR DA PELE. Fronteiras tensas, discursos ásperos, a geopolítica parecendo um tabuleiro onde as peças se movem com pressa demais. E, no entanto, ali estava eu diante de uma cena curiosa: talvez uma das maiores filas que já vi na alfândega do aeroporto do Rio.

UMA FILA IMENSA. DAQUELAS QUE DOBRAM corredores e atravessam salas. Um rio humano que desembarca em ondas sucessivas. Turistas chegando aos borbotões.

O CURIOSO É QUE JÁ FAZ QUASE UM MÊS que o carnaval terminou. Em tese, a grande maré já deveria ter baixado. O calendário diria que a cidade voltou ao seu ritmo habitual. Mas o calendário, às vezes, não entende nada da vida real.

O FLUXO NÃO PARA. PELO CONTRÁRIO: parece crescer.

Gente da Europa, das Américas, da Ásia. Idiomas misturados no ar como se fossem instrumentos afinando antes de um concerto improvável. Olhares cansados de viagem, mas iluminados por uma expectativa muito simples: pisar no Rio.

FIQUEI PENSANDO no que empurra tanta gente para cá agora. Talvez seja o clima bélico que anda rondando o planeta. O mundo, quando se sente ameaçado, procura instintivamente lugares onde a vida ainda parece caber dentro de um abraço.

E o Rio, com todas as suas contradições, seus sustos e suas grandezas, continua sendo uma cidade que abraça.

O CARIOCA TEM ESSA estranha engenharia afetiva: transforma desconhecidos em conhecidos em poucos minutos. Uma piada no táxi, uma conversa no balcão do bar, uma orientação dada na rua como quem apresenta um velho amigo. Quem chega percebe isso rápido.

TALVEZ POR ISSO AS filas não diminuem. Talvez por isso o aeroporto continue recebendo gente como quem recebe chuva de verão: intensa, repentina, cheia de promessa. Num mundo que anda treinando para a guerra, muita gente parece estar procurando exatamente o contrário.

E HÁ CIDADES QUE, SEM perceber, acabam oferecendo essa rara tecnologia humana: a sensação de que ainda é possível viver entre pessoas — e não entre trincheiras.

O carioca tem essa estranha engenharia afetiva: transforma desconhecidos em conhecidos em poucos minutos. Uma piada no táxi, uma conversa no balcão do bar, uma orientação dada na rua como quem apresenta um velho amigo.



Michael B. Jordan e Miles Caton em cena do filme 'Pecadores', de Ryan Coogler, o recordista absoluto de indicações ao Oscar

'Pecadores' pode quebrar a maldição dos filmes de terror no Oscar

Gênero vem sendo historicamente esnobado pelos votantes da maior premiação do cinema mundial

SANDRO MACEDO
Folhaspress

Com 16 indicações, "Pecadores" detonou o recorde de filme com mais indicações ao Oscar, que pertencia ao trio "A Malvada", "Titanic" e "La La Land: Cantando Estações", todos com 14. Mas se até outro dia alguém apostasse que essa marca seria quebrada por um terror, provavelmente quebraria a banca.

Isso porque, historicamente, votantes da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood não são muito chegados em sustos, sangue esguichando ou cabeças girando mais do que a física permite — mesmo que sejam campeões de bilheteria. Por isso, mesmo o recorde de

indicações não faz de "Pecadores" um franco favorito ao prêmio principal, apesar dos elogios e dos louros colhidos pelo diretor Ryan Coogler.

Com reconhecimento em dezenas de premiações menores, "Pecadores" venceu na categoria de melhor elenco e de melhor ator, para Michael B. Jordan, no The Actor Awards. O prêmio a duas semanas do Oscar dá um impulso à candidatura de Jordan como melhor ator, em categoria que tem Timothée Chalamet como principal aposta, por "Marty Supreme", e Wagner Moura correndo por fora, por "O Agente Secreto".

"Pecadores" acompanha dois irmãos gêmeos que desafiam a pirâmide social da época para abrir um bar de blues no sul dos EUA nos anos 1930. Na noite de abertura, eles se veem encurrala-

dos por um grupo de vampiros. A originalidade da trama, com os sanguessugas como uma alegoria do racismo estrutural, conquistou a crítica americana.

Com US\$ 279 milhões de arrecadação, o longa foi a sétima maior bilheteria de 2025 nos EUA, à frente de superproduções como "O Quarteto Fantástico: Primeiros Passos" e "F1: O Filme".

No Oscar, muitos diretores de renome já passaram perto do troféu com títulos aterrorizantes. "O Exorcista", de 1973, com dez indicações, chegou mais próximo de levar melhor filme, mas ficou apenas com os prêmios de roteiro adaptado e som, perdendo para "Golpe de Mestre".

"O Sexto Sentido", de M. Night Shyamalan, teve a segunda maior bilheteria de 1999 nos EUA e chegou na cerimônia de 2000 com seis indicações, incluindo para o jovem Haley Joel Osment, de 11 anos, em ator coadjuvante. Saiu de mãos vazias.

"Corra!", de Jordan Peele, parecia o filme certo para quebrar o jejum e levar o Oscar, com sua mistura de terror psicológico e forte crítica social. Foi indicado em quatro categorias, incluindo melhor filme. Porém, deixou a cerimônia de 2018 apenas com a estatueta de roteiro original, e viu "A Forma da Água", fantasia sombria de Guillermo del Toro, com o prêmio principal da noite.

No ano passado, o "body horror" "A Substância" ressuscitou a carreira da atriz Demi Moore, vencedora de diversos prêmios, incluindo o Globo de Ouro de atuação em comédia ou musical. Mas as cinco indicações, incluindo melhor filme, transformaram-se em apenas uma estatueta, de maquiagem e cabelo.

Neste ano, "Pecadores" não está só. "Frankenstein", também de Del Toro, soma nove indicações, incluindo a de melhor filme, mas suas chances são remotas.

Parabéns aí no Infinito, Silvio Tendler!

Cineclube Casas Casadas exibe o .doc 'Brizola' no aniversário de seu diretor, morto em 2025, que deixa de legado, entre vários projetos, um filme sobre o MinC com a Fundação Casa de Rui Barbosa



O ex-governador Leonel Brizola em documentário que será exibido nas Casas Casadas nesta quinta-feira

Fotos/Caliban

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Todo 12 de março, de 2026 em diante, há de ser uma data de saudade, num signo de ausência, na celebração do nascimento do papa do documentário histórico brasileiro, Silvio Tendler (1950-2025), que saiu de cena em setembro do ano passado, sem pedir licença à carência da gente. Uma série de ações circundam a celebração (póstuma) do aniversário do realizador de marcos como "Tancredo: A Travessia" (2011), na manutenção de seu legado. Para festejar seu dia, o Cineclube Casas Casadas, em Laranjeiras, promove esta noite, às 18h, a sessão de um de seus derradeiros trabalhos, "Brizola – Anotações Para Uma História" (2024), que estreou no Festival do Rio, há um ano e meio, mas não teve espaço em circuito comercial.

"Esse filme se enquadra dentro de uma série que chamei de 'Sonhos Interrompidos'. Uso esse termo porque o sonho do Brizola sempre foi chegar à Presidência da República. O golpe de Estado fez com que ficasse no exílio de 1964 a 1979, mas, ao voltar, ele ganha o Governo do Rio de Janeiro, em 1982, numa eleição em que tentaram garfá-lo dele. Eleito, Leonel constrói 600 Cieps, para deixar evidente seu projeto de Brasil: manter nossas crianças alfa-



Papa do documentário histórico, Silvio Tendler deixa um legado de exercícios de não ficção que lotaram salas de exibição

“Acho que o maior legado do Silvio Tendler para a cultura brasileira é ter construído um cinema profundamente comprometido com a memória e com a democracia” **ALEXANDRE SANTINI**

betizadas na escola, bem alimentadas, saudáveis em prol de um país saudável”, contou Tendler ao Correio da Manhã logo que iniciou as filmagens, em 2022.

Paralelamente, a Fundação Casa

de Rui Barbosa anuncia a realização do documentário “MinC: Cultura e Democracia – O Fio Invisível Da Memória”, cujo argumento original foi desenvolvido por Tendler. Ele participou ativamente da concepção

do projeto. A direção artística é da produtora dele, a Caliban Cinema e Conteúdo, criada em 1981. O longa promete registrar, analisar e contextualizar a trajetória de batalhas do Ministério da Cultura desde sua criação, em 15 de março de 1985, até sua retomada recente, situando-o como dimensão estruturante de um projeto democrático de Estado.

“Acho que o maior legado do Silvio Tendler para a cultura brasileira é ter construído um cinema profundamente comprometido com a memória e com a democracia”, diz o presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa, Alexandre Santini. “O trabalho dele sempre partiu da compreensão de que contar a História do Brasil é também disputar os sentidos dessa História. Ele ajudou a formar uma tradição de cinema documental que não só registra acontecimentos, mas interpreta o país e participa ativamente do debate público. No plano pessoal, a lição mais valiosa que ele me deixou foi a importância de tratar a memória como uma responsabilidade pública. O Silvio sempre insistia que a memória não é apenas um registro do passado, mas uma ferramenta para compreender o presente e disputar o futuro. Aprendi com ele que preservar, contar e refletir sobre a História do Brasil é parte essencial da defesa da democracia”.

As filmagens começaram em fevereiro, tendo Ana Rosa Tendler (filha de Silvio, que há tempos co-

manda a Caliban) na produção. “Esse projeto carrega diretamente o legado do meu pai. O argumento foi inteiramente desenvolvido por ele, em diálogo permanente com Alexandre Santini, a partir de muitos encontros, conversas e reflexões sobre cultura, democracia e memória institucional. Mesmo já fragilizado, ele acompanhou cada etapa com enorme dedicação”, diz Ana Rosa, no release do projeto.

Em janeiro, a produtora contou ao CORREIO que tem lutado arduamente para preservar a filmografia de Tendler. “Mais do que um acervo, meu pai me deixou uma missão. Dar continuidade ao trabalho dele é honrar o homem sensível, generoso e profundamente comprometido com a memória do Brasil”, diz Ana Rosa, preocupada com a preservação dos feitos em película por Tendler.

Ela vem buscando patrocinadores para digitalizar as imagens reunidas pelo documentarista de maior bilheteria do cinema de não ficção do país e, em seguida, depositar seu material em um órgão público que faça honra à sua potência artística. Muito “não” apareceu no caminho dessa corrida, mas parceiros como Santini mostram que a criatividade de Tendler é imparável. Resistir está no DNA de Ana Rosa. Sorte dela que alguns anjos da guarda têm surgido, encantados pela forma de Tendler filmar.

Ele entrou no clube do milhão numa época em que exibidores não davam bola para narrativas que não fossem ficcionais. Seu “O Mundo Mágico dos Trapalhões” (1981) somou 1.892.117 pagantes, tornando-se um caso raro de blockbuster de um segmento que (muito) raramente ultrapassa 250 mil espectadores. Hoje na Prime Vídeo da Amazon, esse longa-metragem retrata Didi, Dedé, Mussum e Zaccarias em suas vidas fora das câmeras. Ainda nos anos 1980, em meio ao processo de redemocratização, Tendler lotou cines com “Os Anos JK – Uma Trajetória Política” (1980), que totalizou 800 mil espectadores, e “Jango” (1984), que contabilizou cerca de 1 milhão de entradas vendidas. Na dramaturgia de ambos, ele contrapôs o otimismo da era pré-1964 à sisudez do regime militar. Em meio à euforia comercial de seus maiores êxitos, ele fundou a produtora Caliban e marcou seu nome na docência, lecionando por anos a fio na PUC-Rio. “A verdade vai aflorar com outras tecnologias”, dizia Tendler às suas turmas. “Eu venho de uma geração libertária que aprendeu a relacionar objetivamente com os materiais históricos para, a partir deles, propor uma dialética, com a certeza de que tudo o que é operado por humanos, até a inteligência artificial, carrega consigo ideologias”.

Em sua última conversa com o jornal, o cineasta contou que deixou inacabado um filme sobre Pontos de Cultura, então em gestação. Segundo Ana Rosa, o longa se chama “Pontos de Partida” e está sendo finalizado pelo produtor Claudio Kahns.



O absurdo que espelha a realidade

De volta ao Rio, “O Homem Decomposto”, de Matéi Visniec, questiona a incomunicabilidade humana em tempos de isolamento

Numa época em que o mundo parece cada vez mais fragmentado, em que as pessoas se trançam em bolhas invisíveis de segurança e desconfiança, reestrea no Rio a montagem de “O Homem Decomposto”, do franco-romeno Matéi Visniec, uma dramaturgia que desafia convenções do teatro tradicional.

Escrita em 1993, quando a Romênia ainda respirava os últimos suspiros da ditadura de Nicolae Ceausescu, a peça não é uma crítica datada de um regime específico. Sua força está na capacidade de se apresentar crível no tempo presente. “Matéi Visniec é um dos dramaturgos mais importantes da atualidade. ‘O Homem Decomposto’ é um de seus textos mais importantes, não só por conta de sua estrutura criativa como também por sua atualidade surpreendente, falando de coisas que abalam a vida do ser humano nos dias de hoje, embora tenha sido escrita há mais de 30 anos”, destaca

“*Matéi Visniec é um dos dramaturgos mais importantes da atualidade. ‘O Homem Decomposto’ é um de seus textos mais importantes, não só por conta de sua estrutura criativa como também por sua atualidade surpreendente*” **ARY COSLOV**

Ary Coslov, que assina a direção do espetáculo.

A peça se estrutura como uma sucessão vertiginosa de histórias curtas, cada uma apresentando personagens que não conseguem se comunicar e criam sistemas cada vez mais absurdos para se protegerem uns dos outros. Não há uma narrativa linear, mas sim flashes de uma sociedade distópica onde o humor e o grotesco convivem com momentos de poesia genuína.

Em uma cena, cidadãos se isolam dentro de círculos invisíveis para garantir sua tranquilidade. Em outra, a cidade sofre uma invasão de borboletas carnívoras. Há ainda

uma empresa que oferece serviços de lavagem cerebral para libertar as pessoas de seus sofrimentos, e um senhor que passeia pelas ruas com um animal de estimação que se alimenta de pessoas — detalhe que não causa estranhamento algum, apenas cócegas na vítima sendo devorada.

Nascido na Romênia em 1956, Visniec não tardaria a descobrir a literatura como um espaço de liberdade que a realidade política de seu país não oferecia. Inspirado por mestres como Franz Kafka, Fiodr Dostoievski, Albert Camus, Samuel Beckett e Eugene Ionesco, o dramaturgo absorveu a tradição

do teatro do absurdo e do grotesco, transformando-os em ferramentas para questionar sistemas opressores. Após se tornar autor proibido em seu país natal, escolheu o exílio em 1987, partindo para a França, onde obteve o estatuto de refugiado político e a nacionalidade francesa.

Desde então, Visniec consolidou-se como um dos nomes mais importantes da cena teatral europeia. Suas cerca de 40 peças foram representadas em mais de trinta países, incluindo Brasil, Estados Unidos, Japão e Turquia. Suas obras estão publicadas por editoras de prestígio como Actes Sud-Papiers e Lansman, e sua atividade literária foi laureada com prêmios significativos, como o Prêmio Europeu da Sociedade de Autores e Compositores Dramáticos de França e o Prêmio Jean Monnet das literaturas europeias.

O que torna “O Homem Decomposto” particularmente relevante para o momento atual é sua abordagem da incomunicabilidade e do isolamento como fenômenos sociais estruturais. A peça não aponta culpados específicos — não há vilões claramente identificáveis. Em vez disso, Visniec sugere que as forças opressoras são difusas, invisíveis, impossíveis de localizar com precisão — uma indefinição perturbadora que reflete um mundo onde

Sob a direção de Ary Coslov, Dani Barros, Guida Vianna, Júnior Vieira, Marcelo Aquino e Mario Borges compõem o elenco de ‘O Homem Decomposto’

as pessoas frequentemente não conseguem discernir de onde vêm as pressões que as sufocam.

Mesmo em plena distopia, porém, a poesia não abandona a obra. Em momentos pontuais, os personagens conseguem se conectar com a natureza, refletir sobre o divino e sua existência, falar do amor. Tudo ao mesmo tempo. Esses instantes de graça funcionam como respiros em meio ao caos, sugerindo que a humanidade não está completamente perdida e que a transcendência reside mesmo nas circunstâncias mais adversas.

No elenco, Dani Barros, Guida Vianna, Júnior Vieira, Marcelo Aquino e Mario Borges. E o premiado diretor celebra a oportunidade de encenar essa obra. “Dirigir essa peça, com um elenco de primeira linha, me deixa muito feliz e faz com que eu me sinta um privilegiado, por poder dirigi-la nesse momento tão especial da história da humanidade”, declara.

A estrutura fragmentada de “O Homem Decomposto” desafia o espectador a encontrar conexões entre as histórias aparentemente desconexas, a identificar padrões de comportamento que se repetem em diferentes contextos. Com duração de 75 minutos, a peça mantém um ritmo vertiginoso que não permite distrações.

Visniec, em suas reflexões sobre seu próprio trabalho, reafirma sua crença na resistência cultural. “Continuo a acreditar na resistência cultural e na capacidade que a literatura tem de demolir totalitarismos e ideologias tóxicas, bem como as novas formas de lavagem cerebral criadas pela sociedade de consumo e pela indústria de entretenimento.”

SERVIÇO

O HOMEM DECOMPOSTO

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 — Botafogo)

Até 29/4, às terças e quartas (20h)

Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)